

LEITOR, LIVROS, PRAZER E REVOLUÇÃO**READER, BOOKS, PLEASURE AND REVOLUTION****DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e19037****Matheus Medeiros Pacheco¹**

Resumo: Neste ensaio, é feita uma reflexão sobre a leitura e a literatura na contemporaneidade. Desde a publicação da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, em 2021, percebe-se a diminuição dos índices de leitores. A revisão da literatura mostra que a leitura, além de prazerosa, permite o desenvolvimento do senso crítico. Neste trabalho, são apresentadas reflexões sobre o atual cenário de leitura, bem como são apresentadas algumas retratações de leitores em obras literárias.

Palavras-chave: Leitura; Educação; Formação de leitores; Jovens e crianças.

Abstract: This essay reflects on reading and literature in contemporary times. Since the publication of the *Retratos da leitura no Brasil* survey in 2021, there has been a decline in the number of readers. The literature review shows that reading, as well as being pleasurable, enables the development of a critical sense. This paper reflects on the current reading scenario, as well as presents some portrayals of readers in literary works.

Keywords: Reading; Education; Readers formation; Young people and children.

“Às vezes acho que o paraíso deve ser uma
leitura contínua e inesgotável”.
(Virginia Woolf)

A primeira função da obra de arte é o prazer. Sempre há um lugar de afeto quando pensamos em músicas, filmes ou livros que marcaram determinado momento da nossa vida. Há os livros-recordação, que guardamos por ter marcado a infância ou a iniciação à leitura. Há os livros que nos deixam empolgados para recomendar para outras pessoas. Primeiro, o prazer. Depois, a mudança, os questionamentos e tudo que a literatura pode trazer. Mas sempre o prazer.

¹ Possui graduação em Letras - Português pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Atualmente é bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no Mestrado em Letras (Teoria da Literatura) pela PUCRS. Integra o grupo de pesquisa (CNPq) Cartografias narrativas em língua portuguesa: redes e enredos de subjetividade. E-mail: matheus.pacheco@edu.pucrs.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-6098-8128>.

Susan Sontag (2020), ao refletir sobre o processo da escrita, vincula a sua prática de escritora com a sua vida como leitora. Para ela, o maior prazer na escrita é ser o primeiro a ler a sua obra. O processo de revisão (e, conseqüentemente, de releitura) é o momento em que mais sente prazer. E diz:

A leitura, em geral, antecede a escrita. E o impulso para escrever é quase sempre deflagrado pela leitura. A leitura, o amor pela leitura, é o que nos faz sonhar em nos tornarmos escritores. E, muito depois de nos termos tornado escritores, ler livros escritos por outros – e reler os livros amados, do passado – constitui uma irresistível distração da escrita. Distração. Consolo. Tormento. E, sim, inspiração (Sontag, 2020, p. 305).

Mas, se a primeira função da literatura é o prazer, por que temos índices tão baixos de leitura na atualidade? Na última edição da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, percebemos que cerca de 52% dos brasileiros têm o hábito da leitura. Para a pesquisa, leitor é “aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses.” (Instituto Pró-Livro, 2021, p. 174). Esse número mostra que, nos últimos cinco anos, o Brasil perdeu em torno de 4,6 milhões de leitores (Unisinos, 2022; Instituto Pró-Livro, 2021). Se há prazer na leitura, por que há diminuição de leitores?

Este ensaio parte da tese de que, nas escolas, ao se criar a obrigação da leitura, acaba por se desincentivar a leitura por prazer, pois elimina o leitor do sistema literário, focando apenas no autor e na obra. Ao trazer um ponto de vista único, engessado, baseado em livros obrigatórios que nem sempre fazem sentido, o leitor da infância passa a acreditar que a leitura é fonte de desprazeres. É evidente que existem livros que devem ser lidos, e todos podem ser trabalhados na escola. O que se pretende mostrar com este ensaio é que a leitura deve ser mediada. O prazer da leitura se dá quando se é sujeito, quando se domina o texto que se lê, quando se tem contato com ele. Pretende-se refletir sobre a escola e o prazer da leitura na formação cidadã, e como, muitas vezes, esses dois fatores andam desconexos.

Um dos principais motivos dessa desconexão é a desigualdade social, é a clareza de que o povo tem outras necessidades imediatas: precisa se alimentar, se vestir, morar em algum lugar – enfim, (sobre)viver. Ana Maria Machado (2011, p. 15) refletiu sobre isso e admite: “livro no Brasil é caro mesmo”. Ainda, o Brasil é um país historicamente marcado pelo analfabetismo. “A alfabetização entre nós chegou muito tarde. Na imensa maioria das casas brasileiras, a capacidade de ler é conquista de uma ou duas gerações mais recentes. No máximo, três” (Machado, 2011, p. 14).

Em 2022, o índice de crianças de 4 e 5 anos matriculadas em escolas do Brasil caiu de 92,7% para 91,6%, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) (apud Tenente, 2023). Ainda, as matrículas de crianças entre 6 e 14 anos caíram de 97,1% para 95,2%. Nesse período, a taxa de analfabetismo diminuiu (mesmo que ainda esteja distante da meta), mas os índices de evasão escolar são preocupantes. Isso afeta a leitura e, de alguma forma, a percepção sobre a leitura.

Ler é importante para saber, por exemplo, entrar no ônibus correto para ir ao trabalho. Quanto a isso não há dúvida. Ninguém, nem especialistas, nem governantes, nem professores – ninguém se opõe a isso. Não é o foco deste ensaio debater esse fato. O que se pretende é refletir sobre a leitura “daquilo que faz crescer” (Machado, 2011, p. 13). Deixando mais claro: da leitura de obras literárias, a manifestação artística da linguagem. E talvez seja essa uma das principais críticas a uma apologia da literatura. Primeiramente, os limites do literário e do não literário são tênues. Mas mais do que isso. Como mostra Alberto Manguel:

É claro que a literatura pode não salvar ninguém da injustiça, das tentações da cobiça ou das desgraças do poder. Mas algo nela deve ser perigosamente eficaz, já que todo governo totalitário e todo alto funcionário ameaçado tentam eliminá-la queimando livros, proibindo livros, censurando livros, aplicando impostos sobre livros, limitando-se a fazer de conta que respeitam a causa da alfabetização, insinuando que a leitura é uma atividade elitista (Manguel, 2021, p. 158).

A tentativa de censura, em março de 2024, da obra *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório – livro sobre o qual falarei mais adiante – é um exemplo que comprova a fala de Manguel. O livro, aprovado pelo governo para uso escolar em 2022, foi acusado de conter pornografia e doutrinação (Camargo, 2024). O que pode, então, a literatura, se os que mais provam a sua inutilidade são também os que mais buscam o seu apagamento? Todorov (2014, p. 23) nos dá uma dica: a literatura, diz ele, “me ajuda a viver”, “me faz descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e me permite melhor compreendê-las”, “amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo”.

Ou seja, a literatura liberta. Mais do que isso: a literatura é capaz de mudar um ser humano. E os seres humanos são capazes de mudar o mundo. Fica evidente que *O avesso da pele* incomoda. Não pelas “palavras de baixo calão” – que, por óbvio, um aluno do ensino médio, já conhece – mas por denunciar o racismo. É por meio do tratamento estético da palavra que há a reflexão, o escancaramento em conjunto com o encantamento. A beleza em conjunto com a raiva. A palavra em conjunto com o choque. E há também prazer nisso.

O prazer da leitura se dá de diversas formas: a beleza de frases bem construídas, de metáforas inéditas, de um enredo atrativo. Mas também do choque, do nojo, da raiva, do despertar de sentimentos que levam o leitor à ação. Tudo pode ser prazeroso. Estão aí a literatura e o cinema de terror para mostrar que o desconforto, se utilizado com fins estéticos, também são prazerosos. Estão aí a literatura e a música de protesto para mostrar que a crítica sociais também é prazerosa. A função primordial da arte, frisa-se, é o deleite. E esse deleite assume as mais diversas formas.

Há prazer na leitura de *O avesso da pele*, mesmo com o incômodo que ele causa. Há também beleza no caso, há beleza na realidade nua e crua. Há beleza também no amor de um casal retratado em um livro. E é justamente nessa beleza que mora o prazer e o perigo da literatura. É justamente por causa deste prazer que leva à ação que se explica a censura de livros. O medo da literatura, a ponto de querer censurá-la, é, sobretudo, o medo da liberdade de pensamento. Medo da liberdade, da salvação – mas qual salvação? Qual mudança?

Em *A biblioteca*, conto de Dulce Maria Cardoso (2014), o narrador inicia seu relato dizendo: “Os livros salvaram-me. É a primeira vez que digo isto em voz alta. Um homem não pode deixar de envergonhar-se quando diz que não se matou por causa dos livros” (Cardoso, 2014, p. 37). O conto é narrado por um assassino que tem os livros como cúmplices e narra a sua história de leitor tardio. A paixão pelos livros veio do choque de encontrar, nas palavras, a ficção – ou um fato que não era verdade. A mentira da literatura ajudou o assassino a viver melhor:

Quando se lia da primeira à última página, as mentiras encaixavam-se umas nas outras e passavam a verdades tão autênticas, que não tinha como não me entregar a elas. E quando nos entregamos com esta fé a alguém ou a alguma coisa já não podemos matar-nos. Foi assim que os livros me salvaram (Cardoso, 2014, p. 48).

Os livros salvaram a vida do narrador, mas não tiraram a sua maldade. Dulce Maria Cardoso (2014), de forma irônica, questiona o poder redentor da literatura. É um fato: a literatura, por si só, não muda ninguém. É preciso que se esteja aberto à mudança. Mas mesmo as piores pessoas (como o caso do assassino) são capazes de sentir o prazer de ler. Se a literatura não salva ninguém da maldade ou da injustiça mundana, pode, ao menos, salvar da morte – ou do suicídio.

Apesar disso, não somos, no Brasil, um país de leitores. O hábito da leitura não é comum, e sou capaz de apostar que todas as pessoas que possuem o hábito da leitura já ouviram pelo menos uma vez na vida frases como: “por que tu lêes esses livros?”, “qual a utilidade

disso?”, “tu já leste todos esses livros?” etc. Todos já ouvimos porque há sempre duas ideias em voga: 1) ler é elitista e 2) a literatura não é útil.

A questão da utilidade da literatura é bem retratada em *Vamos comprar um poeta*, do escritor português Afonso Cruz (2020). O livro, narrado por uma menina, apresenta uma sociedade utilitarista, em que tudo é contabilizado. Assim inicia o livro: “Hoje comi trinta gramas de espinafres, o quilo custa dois euros e trinta, é fazer as contar, precisamos de trinta cêntimos por dia para ter alguma vitamina k, diz um estudo.” (Cruz, 2020, p. 7) Nesse universo, os artistas, produtores de inutilidades, viram uma espécie de animal de estimação, podendo ser comprados e permanecendo à disposição da família.

A narradora-protagonista resolve, então, querer um poeta. Normal de criança querer seu animal de estimação – mas o animal é um poeta. Inútil no cenário da sociedade nessa fábula, mas ainda assim um poeta. E poetas, até nesse mundo, produzem poesia. E a literatura (a arte), até nesse mundo, modifica de alguma forma o ser humano. Em determinado ponto, o poeta teve de ser abandonado, mas a sua presença na família trouxe consequências. A poesia ajudou as pessoas a repensarem no seu mundo e, com isso, reestruturar o mundo exterior. A arte extasia, subverte a ordem natural, faz com que o mundo tenha um novo olhar. Mesmo o narrador assassino de *A biblioteca* (Cardoso, 2014) passou por uma mudança.

Importante notar que a narradora de *Vamos comprar um poeta* é uma criança – e aqui há uma ponte essencial no que se pretende neste ensaio. Toda criança na escola é essencialmente um questionador, e, por isso, fator de mudança por excelência. Ao precisar responder uma pergunta, que pode parecer óbvia, precisamos revisitar tudo o que conhecemos. Nessa revisita (releitura), passamos a ter novas percepções.

Candela, personagem de *Ecologia*, de Joana Bértholo (2022), é uma criança que nasce em um mundo em que a linguagem é comercializada, como planos de telefonia. Como toda criança, a curiosidade faz parte da sua formação. Porém, Candela ainda tem outra paixão: as palavras. Em uma sociedade em que as palavras “já não são palavras, são coisas” (Bértholo, 2022, p. 77), a curiosidade e o gosto pelas palavras podem ser perigosos (ou, pelo menos, dar prejuízo). Mesmo em um mundo distópico, é natural que uma criança faça perguntas como: “O mundo ia ser diferente se eu aprendesse palavras diferentes para as mesmas coisas?” (Bértholo, 2022, p. 53). Para essa pergunta, a resposta da mãe foi: “Essa sopa já está mais que fria. Tu come (*sic*)!” (Bértholo, 2022, p. 53).

A criança continua: “Mãe, por que é que se passa tanto tempo a aprender o que cada palavra significa se depois significa uma coisa diferente noutra frase?” (Bértholo, 2022, p. 63).

Resposta da mãe: “Não sei, Candela, é assim que falamos. Se não pensares tanto funciona melhor” (Bértholo, 2022, p. 63). Mesmo leitora, a mãe se preocupa com os questionamentos da filha. O mundo não é favorável para isso. O pai, artista, vive em desemprego, e a nova cobrança (pelas palavras) consome dinheiro. O que aparece aqui, mais do que uma preocupação dos adultos, é uma relação de conformismo, de aceitação.

O amor de Candela pelas palavras (e pela leitura) vai levá-la a, anos depois, resgatar livros e publicá-los. Neste momento, Candela (aos 60 anos) precisa escolher um título, e vem um novo questionamento: o que significa “ecologia”? Afinal, a palavra, após todos os anos de controle sobre a língua, caiu em desuso. Com o decorrer do tempo, além do meio ambiente, ecologia passou a também significar “estudo dos ecos” (Bértholo, 2022, p. 499). O amor de Candela pode ser que rompa com o sistema vigente, embora o livro não mostre isso – poderia ser, aqui, o início da distopia.

Curioso que, em um mundo regido pelo utilitarismo e pelo dinheiro, o prazer pela leitura esteja vinculado a duas crianças. As crianças Candela, de *Ecologia* (Bértholo, 2022), e a narradora de *Vamos comprar um poeta* (Cruz, 2020) mostram mais um fator: além de questionadoras, crianças são essencialmente leitoras – e vorazes. Ana Maria Machado (2011) reflete:

Se é verdade que não é comum que um adulto que nunca leu consiga, de repente, do nada, descobrir as delícias da leitura, também é verdade que não conheço um único caso de criança alfabetizada que, tendo acesso a livros bons e interessantes, deixe de encontrar algum que a atraia muito e, a partir daí, queira ler mais e mais, sem parar. A curiosidade é instintiva. A constatação do encantamento, advinda do alimento da imaginação e do prazer da inteligência em atividade, garante o resto (Machado, 2011, p. 16).

Os jovens também são leitores assíduos: “se a proporção de leitores assíduos diminuiu, a juventude continua sendo [...] o período de vida em que a atividade de leitura é mais intensa”, afirma Michèle Petit (2009, p. 19). A pesquisadora percebe que

a leitura de livros tem para eles [os jovens] algumas vantagens específicas que a distingue de outras formas de lazer. Compreendemos que por meio da leitura, mesmo esporádica, podem estar mais preparados para resistir aos processos de marginalização. Compreendemos que ela os ajuda a se construir, a imaginar outras possibilidades, a sonhar. A encontrar um sentido. A encontrar mobilidade no tabuleiro social. A encontrar a distância que dá sentido ao humor. E a pensar, nesses tempos em que o pensamento se faz raro (Petit, 2009, p. 19).

Os jovens percebem, portanto, a literatura como uma forma de libertação, de questionamento de mundo, de busca de respostas. A leitura, principalmente de livros, “pode

ajudar os jovens a serem mais autônomos e não apenas objetos de discursos repressivos ou paternalistas” (Petit, 2009, p. 19). O ato de ler é libertador e transgressor. Mas por que, então, deixamos de ler quando adultos? Será porque nos foi tirada a curiosidade típica da infância ou a rebeldia típica da adolescência?

Voltemos à tese deste ensaio: a escola, ao estabelecer uma única forma de leitura, ao tornar a leitura uma obrigação, acaba por tirar o prazer da leitura e por eliminar o leitor do sistema literário, da relação ativa com o livro. Tzvetan Todorov (2014, p. 27) afirma que “na escola, não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos”. Ao deslocar o ensino da literatura para a crítica ou a historiografia, as aulas não mostram que ler pode ser prazeroso. Mais que isso: não ensina que “um livro é o leitor que o completa – como o traz, como o leva; como o lê, como o esquece” (Bértholo, 2022, p. 492). O leitor é quem dá sentido ao livro. No sistema escolar, como apresentado por Todorov, o leitor passa a ser mero coadjuvante; a leitura, mero ato afirmativo para a crítica. Mas, no sistema literário, o leitor é a personagem principal.

Como descrito por Antonio Candido (2000), o sistema literário é composto por autor, obra e leitor. Com o livro publicado, o autor e a obra permanecem fixos. O que muda é o leitor. E é nessa mudança que são dados os sentidos, as ressignificações, os resgates e os apagamentos. O caso de *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis (2018), é um exemplo. Publicado originalmente em 1859, o livro permaneceu desconhecido até ser encontrado em um sebo nos anos 1960. Um século de um livro que permaneceu praticamente desconhecido.

A obra é considerada o primeiro romance escrito por uma mulher no Brasil. Maria Firmina dos Reis era uma mulher negra, o que torna *Úrsula* também o primeiro livro de literatura negra que se tem conhecimento. Inserido no período em que vigorava o romantismo brasileiro, com a exaltação nacional, o romance critica a escravatura e o papel da mulher na sociedade e torna-se, assim, uma leitura que se comunica muito com a contemporaneidade do século XXI. O ressurgimento de *Úrsula* no circuito de leituras está muito relacionado às problemáticas que a atualidade discute e que já estão presentes no livro de Maria Firmina dos Reis.

Trouxe o exemplo de *Úrsula* porque lembro que ele chegou a mim por ter se tornado leitura obrigatória do vestibular da UFRGS em 2019. Mais meio século de invisibilidade para *Úrsula*. Nessa época em que o romance foi resgatado para o vestibular, o livro voltou a circular. Houve vários lançamentos em editoras diferentes e a ascensão (ou, ao menos, o resgate,) de

Maria Firmina dos Reis ao sistema literário. Autor e obra já estavam lá, quem (res)surgiu foram os leitores.

Falo do vestibular porque reconheço a importância das leituras obrigatórias. A maioria das escolas se guia pelo vestibular para passar os conteúdos. Por isso, muitas leituras que se fazem no ensino médio são as leituras de concursos vestibulares. Muitas vezes, essa será a primeira vez (talvez única) que o aluno terá contato com tais livros na vida. Além disso, reconheço a importância do vestibular como construção (e tensionamento) de cânone.

O cânone é também uma instituição política. São escolhas que se fazem. A exclusão de Maria Firmina dos Reis e seu posterior resgate mostram a fluidez do cânone literário. Mais do que isso: mostram o poder ideológico que há na leitura (ou não) de determinado livro. Nesse contexto, a divulgação da Fuvest (2023) para as leituras obrigatórias nos vestibulares da USP de 2026 até 2028 com livros escritos somente por mulheres, traz um novo questionamento ao que (e por que) se lê.

O tensionamento (ou a criação) do cânone é uma decisão: quais livros são importantes para o vestibular? Quais livros são importantes para a leitura e estudo de jovens em idade escolar ou recém-saídos da escola (a maioria das pessoas que prestam vestibular)? Aqui surge, de novo, a escola como ferramenta de formação leitora. Ou, melhor: como ferramenta de manutenção do hábito da leitura, já que, como mostrei anteriormente, crianças são leitoras.

Mas, se a escola é capaz de incentivar a leitura, fica claro que a escola também pode bloquear o aluno. Por experiência própria e por conversas que tive com colegas e amigos, penso que não erro ao deduzir que a maioria dos alunos teve que ler por obrigação. O professor de literatura entra na sala, fala sobre escolas literárias, períodos históricos, características etc. Uma vez por mês, o professor pede que o aluno leia um livro, geralmente relacionado à matéria que estava sendo estudada (às vezes, nem isso). E, depois, o aluno que se entenda com a leitura. O aluno que se esforce para entender por que um livro deslocado da sua realidade é bom.

O fato é que muitos desses livros que são lidos em idade escolar não fazem sentido para o aluno, não se comunicam com a sua vida. Muitos desses livros não são contemporâneos dos leitores – utilizando o conceito de “contemporâneo” não como tempo necessariamente, mas, principalmente, como temática (Agamben, 2009). Quando não se pensa sobre um livro, sobre o que o seu texto me diz, sobre quais os problemas se encontram ali, muitos textos podem parecer sem sentido – o que desincentiva a leitura. Além disso, o estudo de literatura na escola pode por acabar desvalorizando aquilo que os alunos leem fora da matéria (tratar como literatura menor, por exemplo) – o que também é um problema.

Por outro lado, quando o professor passa a sua visão da leitura, isso pode também soar autoritário. A leitura pura e simples de um livro deve, portanto, ser incentivada. O aluno deve poder ler qualquer livro pela sua ideia, sua opinião, sua vivência – e não a do professor ou a da crítica. Acontece que, para que isso aconteça, é necessário que o aluno seja ensinado a entender a literatura. Mais do que aprender a juntar letras e formar palavras, palavras e formar frases, frases e formar textos, o aluno deve estar preparado para interpretá-los, entender suas nuances e, por fim, ter prazer em desvendar as suas páginas. O prazer da leitura está, muitas vezes, em vencer a sua dificuldade.

Na verdade, o professor de literatura, mais do que ser professor (entendendo aqui o professor como alguém que vai ensinar alguma coisa), deve ter duas características fundamentais: 1) ser um leitor e 2) ser um mediador de leitura. Dizer que o professor deve ser um leitor me parece óbvio, mas tenho visto que não é. Muitos professores não leem, limitam-se a ensinar o que pede o currículo (digo isso baseado em vivências que tive nos estágios e trocas com colegas que perceberam o mesmo). Mas professor deve ser exemplo, deveria sempre estar lendo algum livro, recomendando leituras, falando sobre literatura. É somente com essa atitude que o professor pode se tornar um mediador.

Para ser um mediador de leitura e conseguir, efetivamente, transformar pessoas em leitores, é preciso mudar a lógica: trazer o leitor ao centro, entender seus desejos e suas necessidades. Michèle Petit (2009) reflete:

Um escritor, um bibliotecário ou um professor [mediadores de leitura em potencial] não conhece os jovens a partir do que imagina serem suas “necessidades” ou suas expectativas, mas deixando-se trabalhar por seu próprio desejo, por seu próprio inconsciente, pelo adolescente ou criança que foi. Deixando-se também trabalhar pelas questões do tempo presente (Petit, 2009, p. 58).

Novamente, a autora tem como foco de sua fala os jovens. Porém, devemos pensar que o processo de mediação de leitura não se restringe à adolescência e à infância. Quando vamos a uma livraria e pedimos indicação ao livreiro, há um processo de mediação. Provavelmente seremos questionados sobre nossos gostos de leitura, temáticas, livros que gostamos, o que procuramos ler no momento. O livreiro assume papel de mediador.

O mesmo tipo de relação existe em bibliotecas. Atualmente, o hábito de frequentar esses ambientes tem diminuído consideravelmente. Porém, ainda é um local típico de mediação de leitura. A recomendação do bibliotecário, parecida com a do livreiro, é uma forma de mediação – não somente pela mediação, mas pela constância. Existe, na mediação, uma forma de lidar

com o livro, de trabalhar o texto, de receber *feedbacks*, de orientar nossas leituras. A recomendação pura e simples é apenas o início da mediação. O papel do mediador é de acompanhar o leitor nas suas leituras. O mediador auxilia, orienta. Não há uma relação autoritária, de visão única. No caso da mediação, o foco é o leitor.

O professor deve, portanto, assumir esse papel: o de ser alguém que *entende* o leitor e o ajuda a construir uma trilha de leitura. O foco, nesse caso, deve ser o aluno – ou seja, o leitor. É claro que é papel do mediador incentivar a leitura de livros importantes, mas é na comunicação com o aluno que os efeitos serão atingidos. Um bom exemplo de mediação de leitura é o que encontramos narrado em *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório (2020). No livro, o narrador Pedro conta a história de seu pai, Henrique, professor, assassinado na saída da escola. Em determinado momento, reflete:

[Você se transformou] numa máquina de paciência para não espancar aqueles alunos que não querem saber de orações subordinadas. Você também não quer saber de orações subordinadas. Mas escola foi feita para isso. Foi feita para aborrecer os alunos. E você sabe que é parte dessa chateação (Tenório, 2020, p. 19).

Henrique assume uma turma de EJA (Educação de Jovens e Adultos). Portanto, já de pessoas mais velhas, fora da idade escolar regular. “A maioria dos alunos eram adolescentes que não deram certo no turno do dia. Os refugos. Os que não se enquadram. Os repetentes” (Tenório, 2020, p. 133). Era uma turma trabalhosa, que não via sentido no estudo. Menos ainda na literatura. O hábito de ler já tinha sido desencorajado há muito tempo. Mesmo assim, Henrique não desiste de ensinar literatura aos alunos:

Você havia planejado uma aula sobre poesia. Mesmo não havendo clima nenhum para poesia, você escreveu um nome no quadro: *José*. Poema do Drummond. Antes de lê-lo, você perguntou a eles se gostavam de poesia. Apenas três ou quatro da frente prestavam atenção em você. Outros estavam mais interessados em falar da briga. Você não queria perdê-los (Tenório, 2020, p. 135, grifo do autor).

Percebe-se o esforço do professor para ensinar literatura aos alunos, bem como a falta de interesse dos estudantes. A poesia (a leitura, de forma geral) não fazia parte da vida daquelas pessoas. A violência fazia. Diferentemente dos seus alunos, Henrique viu sentido na leitura quando teve contato com *Crime e castigo*, de Dostoiévski, por meio do seu professor. Ao Henrique adolescente foi apresentada uma história que fazia sentido, que se comunicava com a sua realidade:

Um dia você ouviu o professor Oliveira falar sobre um livro, sobre um certo personagem russo, Raskólnikov. E foi como uma iluminação ouvir o professor lendo aquelas páginas de *Crime e castigo*. Você não sabia que aquele seria um livro que te acompanharia até o fim da vida. Embora entendesse metade das coisas que eram ditas ali, quando você resolveu ler aquela história, você queria descobrir mais sobre aquele estudante miserável que morava num minúsculo apartamento em São Peterburgo. Queria saber como aquela mente criminoso funcionava (Tenório, 2020, p. 148, grifo do autor).

Lembrando da importância que a leitura de *Crime e castigo* teve na sua vida e o impacto que gerou a sua leitura, Henrique decidiu levar o romance para a aula. Porém, os alunos não tinham interesse em literatura e, se a abordagem fosse a tradicional, o professor jamais conseguiria atenção dos estudantes. Por isso, ao perceber que um grupo de alunos comentavam um assassinato que ocorreu no bairro, Henrique falou: “Gostaria que vocês ouvissem uma coisa: se querem saber, eu conheço um cara que matou duas pessoas” (Tenório, 2020, p. 164).

Uma declaração impactante, sem dúvida. Ainda mais vindo de um professor. Os alunos agora queriam saber mais. Henrique continuou: “Bem, como eu disse, eu conheço um cara que matou duas pessoas, e tem mais: eu sei o que ele pensou antes de matar, eu sei o que ele pensou enquanto estava matando, e sei o que ele pensou depois de matar” (Tenório, 2020, p. 163-4). Os alunos queriam saber mais sobre isso, afinal, saber o que o assassino estava pensando era impossível. Mas Henrique apresentou a solução: “Vou trazer esse cara aqui pra ele contar como foi isso” (Tenório, 2020, p. 165).

Pronto, estava introduzido *Crime e castigo* aos alunos. Na aula seguinte, Henrique levou trechos do romance para a aula. “A descrição de Dostoiévski os hipnotizava. Entre a narração de uma morte e outra, podia-se ouvir a respiração dos alunos” (Tenório, 2020, p. 168). Henrique achou que leria apenas quatro páginas, o suficiente para apresentar a personagem e o livro, “mas acabaram lendo mais de quarenta nos dias seguintes. Cada aula vocês liam seis a dez páginas” (Tenório, 2020, p. 168).

Até que um aluno quis saber qual era, afinal, o castigo de Raskólnikov pelos seus crimes. “Você disse que Raskólnikov ia ser preso. Peterson [o aluno] te olhou e depois perguntou se Raskólnikov era uma pessoa real. Você respondeu que não, mas que poderia ter sido” (Tenório, 2020, p. 168). Ficaram, professor e aluno, conversando sobre o livro. Henrique conquistou a turma e mostrou que a literatura pode estar conectada com a nossa vida, a nossa realidade. Mas, principalmente: Henrique mostrou que ler pode ser prazeroso. Que mesmo na perturbação há prazer. Que a estética e a beleza fazem sentido.

O processo de mediação do professor só foi possível porque, antes de tudo, ele era um leitor. O hábito (e o gosto) pela leitura fez com que Henrique pudesse entender as necessidades da turma e indicar o livro certo para ler no momento. Só assim podemos criar leitores e, com isso, criar cidadãos que tenham a capacidade de pensar, questionar e entender o mundo. A leitura “nos torna mais aptos a enunciar nossas próprias palavras, nosso próprio texto, e a ser mais autores de nossas vidas” (Petit, 2009, p. 37). Quando o professor conseguir mostrar isso aos alunos, podemos aumentar a quantidade de pessoas que entendam que “ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente” (Petit, 2009, p. 43).

A adolescência de Henrique, personagem de *O avesso da pele* (Tenório, 2020) foi marcada pela leitura. Volto a frisar que a primeira função da obra de arte é o prazer, mesmo que esse prazer incomode. O incômodo pode gerar o prazer. O ato de pensar sobre uma realidade crua também pode ser prazeroso, se isso fizer sentido. O importante é que o leitor seja a principal parte do sistema literário. Que o leitor tenha autonomia, tenha direitos sobre o texto. O importante é que o leitor fique fascinado. E é o que Pedro percebe quando narra a história do pai:

Aquela arqueologia da culpa [*Crime e castigo*] te fascinava e por isso você andava com aquele livro-tijolo para cima e para baixo. Ficava feliz quando pegava algum engarrafamento e podia ficar lendo mais um pouco no ônibus, ou então quando não tinha muita coisa para fazer no escritório e colocava o livro estrategicamente na gaveta para poder ler sempre que o Bruno Fragoso não estivesse por perto. E, mesmo quando o ônibus estava lotado, você dava um jeito de se segurar e continuar lendo (Tenório, 2020, p. 148).

Claro que a leitura (ou o que se faz dela) é uma forte ferramenta de mudança. Inclusive, Jeferson Tenório (2021) fala sobre isso – e é dele a ideia expressa nos parênteses da frase anterior. Porém, todo autor que se refere à leitura traz, antes, a ideia de prazer. A leitura ajuda a entender o mundo, a questionar, a posicionar-se, a transgredir, a resistir. Mas, antes de tudo, a leitura (principalmente de literatura) é um local de afeto e de prazer. Essa é a sua função primeira. Isso é o que deve ser resgatado.

Depois de ser criado o leitor – aquele que quer pegar engarrafamento para ter mais tempo para ler – o seu uso para as leituras trará as mudanças que todos, independentemente da idade, passam ao se depararem com textos. Palavras são fortes. São instrumentos de poder – e, além de tudo, podem ser prazerosas. É por isso que a leitura assusta tanto. É por isso que ela deve ser, cada vez mais, incentivada. É assim que as escolas deveriam agir para reverter os

baixos índices de leitura. Tensionar o cânone, estabelecer leituras possíveis, focar no leitor – são formas de resgatar a voracidade leitora da infância e a leitura rebelde da juventude.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo?. In: AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius de Castro Honesko. Chapecó: Argos, 2009, p. 55-73.
- BÉRTHOLO, Joana. *Ecologia*. Porto Alegre: Dublinense, 2022.
- CAMARGO, Bianca. Diretora critica livro “O Avesso da Pele” e alega “vocabulários de tão baixo calão”. In: *CNN Brasil*. São Paulo, 03 mar. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/diretora-critica-livro-o-avesso-da-pele-e-alega-vocabularios-de-tao-baixo-nivel/>. Acesso em: 15 mar. 2024.
- CANDIDO, Antonio. Literatura como sistema. In: CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000, p. 23-25.
- CARDOSO, Dulce Maria. A biblioteca. In: CARDOSO, Dulce Maria. *Tudo são histórias de amor*. Lisboa: Tinta-da-China, 2014, p. 37-49.
- CRUZ, Afonso. *Vamos comprar um poeta*. Porto Alegre: Dublinense, 2020.
- FUVEST. FUVEST renova sua lista de leituras obrigatórias para o vestibular 2026 – 2029. In: *Fuvest*: Fundação Universitária para o Vestibular. São Paulo, 22 nov. 2023. Disponível em: <https://www.fuvest.br/fuvest-renova-sua-lista-de-leituras-obrigatorias-para-o-vestibular-2026-2029/>. Acesso em: 25 nov. 2023.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Principais resultados da pesquisa – tabelas e gráficos. In: FAILLA, Zoara (Org.). *Retratos da leitura no Brasil 5*. Rio de Janeiro: Sextante, 2021, p. 166-325. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Retratos_da_leitura_5_o_livro_IPL.pdf. Acesso em: 12 nov. 2023.
- MACHADO, Ana Maria. A importância da leitura. In: MACHADO, Ana Maria. *Silenciosa algazarra*: Reflexões sobre livros e práticas de leitura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 11-27.
- MANGUEL, Alberto. Décima digressão. In: MANGUEL, Alberto. *Encaixotando minha biblioteca*: Uma elegia e dez digressões. Trad. Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 155-162.
- PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura*: uma nova perspectiva. Trad. Celina Olga de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Porto Alegre: Taverna, 2018.
- SONTAG, Susan. A escrita como leitura. In: SONTAG, Susan. *Questão de ênfase*: ensaios. Tradução: Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2020, p. 302-307.
- TENENTE, Luiza. Índice de crianças de 4 e 5 anos na escola cai após a pandemia, diz IBGE; meta de universalização fica distante. In: *G1. G1: Educação*. [S. l.], 7 jun. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/06/07/indice-de-criancas-de-4-e-5-anos-na->

[escola-cai-apos-a-pandemia-diz-ibge-meta-de-universalizacao-fica-distante.ghml](https://www.unisinos.br/noticias/por-que-o-brasileiro-le-ao-pouco/). Acesso em: 11 nov. 2023.

TENÓRIO, Jeferson. *O avesso da pele*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

TENÓRIO, Jeferson. Tornar-se leitor como ato político e transgressor. *Zero Hora*, Porto Alegre, p. 2, 31 mar. 2021.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução: Caio Meira. 5. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.

UNISINOS (RS). Por que o brasileiro lê tão pouco?. In: _____. *Notícias Unisinos*. RS, 11 out. 2022. Disponível em: <https://www.unisinos.br/noticias/por-que-o-brasileiro-le-ao-pouco/>. Acesso em: 11 nov. 2023.

Recebido em 26 de março de 2024

Aceito em 30 de junho de 2025